

# EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES DA LINHA DO RURAL DA TURMA XIII DO PPGMADE: ELEMENTOS PARA COMPREENDER E INTERVIR NA COMPLEXA PROBLEMÁTICA SOCIOAMBIENTAL

## **Rodrigo Ozelame da Silva**

Doutorando do PPGMade/UFPR  
Curitiba, Paraná, Brasil  
E-mail: rodrigoozelame@gmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9292-0204>

## **Camila Eduarda Viana**

Doutoranda do PPGMade/UFPR  
Realeza, Paraná, Brasil  
E-mail: kmila.viana@hotmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2804-9127>

## **Jairo Antonio Bosa**

Doutorando do PPGMade/UFPR  
Brusque, Santa Catarina, Brasil  
E-mail: jbosa2006@gmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5660-6974>

## **Valdir Frigo Denardin**

Universidade Federal do Paraná  
(PPGMade /PPGDTS)  
Matinhos, Paraná, Brasil  
E-mail: valdirindenardin@gmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8074-6544>

## **Renata Borges Kempf**

Doutoranda do PPGMade/UFPR  
Curitiba, Paraná, Brasil  
E-mail: renata\_bk@hotmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1998-5343>

## **Valter Roberto Schaffrath**

Instituto Federal do Paraná e  
Universidade Federal do Paraná  
(PPGMade)  
Curitiba, Paraná, Brasil  
E-mail: valter.schaffrath@ifpr.edu.br  
ORCID: 0000-0001-9868-2916

## **Maria Wanda de Alencar**

Doutoranda do PPGMade/UFPR  
Guaratuba, Paraná, Brasil  
E-mail: maiawand@gmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1392-4870>

## **Carolina dos Anjos de Borba**

Universidade Federal do Paraná  
(PPGMade/PPGE)  
Curitiba, Paraná, Brasil  
E-mail: carolzinhadosanjos@gmail.com  
ORCID: 0000-0003-3690-9411

## Resumo

Este artigo tem como objetivo principal analisar a prática do exercício interdisciplinar da Turma XIII da Linha Ruralidades, Ambiente e Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento (PPGMade/UFPR). Sua justificativa se baseia na urgência e necessidade de construir pesquisas e práticas interdisciplinares, capazes de trazer novos elementos para compreender e intervir na complexa problemática socioambiental. Metodologicamente, consiste em uma análise do processo com base no relato da experiência do grupo, sistematizado no formato de um “projeto coletivo” sob a luz das teorias da interdisciplinaridade. Como resultado, destaca-se a caracterização das principais singularidades da abordagem metodológica do programa, especialmente a construção de um projeto coletivo e interdisciplinar que leva aos temas das teses individuais. Além disso, dificuldades na auto-organização dos discentes, falta de condições materiais, uma tendência de educação bancária e uma cultura de competição, que impera em boa parte do sistema de ensino brasileiro, foram diagnosticados como limites centrais do exercício em questão. Porém, ainda que contenha contradições, a experiência da Linha do Rural da Turma XIII é, ao menos, uma tentativa de rompimento com a hiperespecialização e construção de processos coletivos e interdisciplinares que pode servir como referência para outras práticas interdisciplinares, sobretudo aquelas vinculadas às questões socioambientais, como as discussões em torno do desenvolvimento sustentável.

**Palavras-chave:** Projeto de Pesquisa Coletivo; Quilombo Ribeirão Grande/Terra Seca; Ruralidades.

## ***Interdisciplinary experiences of the Rural Line of Class XIII of PGMade: elements to understand and intervene in the complex socio-environmental issue***

### **Abstract**

*This article has as main objective to analyze the practice of an interdisciplinary exercise of the Class XIII of the Ruralities, Environment, and Society research line in the Postgraduate Program in Environment and Development (PPGMade/UFPR). Its justification is based on the need to build research and interdisciplinary practices capable of bringing new elements to understand and intervene in the complex socio-environmental issues. Methodologically, it consists of an analysis of the process based on the report of the group's experience, systematized in the format of a “collective project” under the light of the theories of interdisciplinarity. As a result, the identification of the singularities of the methodological approach of the program stands out, especially the construction of a collective and interdisciplinary research project that leads to the themes of the individual researches. In addition, difficulties in self-organization, lack of material conditions, a tendency to the banking model of education, and a culture of competition, which prevails in much of the Brazilian education system, are limits identified in the exercise in question. However, even though it contains contradictions, the experience of the XIII Rural Research Line is, at least, an attempt to break with the hyperspecialization with the construction of collective and interdisciplinary processes that can serve as a reference for other interdisciplinary experiences, especially linked to socio-environmental issues, both within PPGMade and outside of it.*

**Keywords:** *Collective Research Project; Quilombo Ribeirão Grande /Terra Seca; Ruralities.*

## 1 Introdução

A interdisciplinaridade é um método de pesquisa que procura a associação de disciplinas científicas para analisar um problema comum (ZANONI, 2000). Ela emerge dos inconvenientes da revolução científica, especialmente causados pela hiperespecialização, do parcelamento e da fragmentação do saber (MORIN, 2007). Embora as bases teóricas remetam a períodos anteriores, Fazenda (1994) argumenta que a interdisciplinaridade enquanto campo de conhecimento e metodologia ganha forma em meados do século XX na Europa. Ou seja, pode-se considerá-la como um campo do conhecimento recente. Além disso, a interdisciplinaridade é composta por um conjunto heterogêneo de perspectivas teóricas e metodológicas. Contudo, não é o foco deste trabalho dissertar sobre o vasto mundo interdisciplinar, e sim apresentar a experiência de um programa que faz parte deste mundo: o Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná, o PPGMade, especialmente a Linha Ruralidades, Ambiente e Sociedade, ou simplesmente Linha do Rural, da Turma XIII de doutorado do programa.

OPPGMade iniciou suas atividades no ano de 1993, em meio ao contexto de denúncia da crise ambiental que se manifestava na metade final do século XX (FLORIANI et al., 2011). Influenciado pela Conferência das Nações Unidas Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92), o debate em torno do tema meio ambiente e desenvolvimento ganha espaço na academia, na sociedade civil e no poder público. No meio acadêmico, nos espaços que se mostraram sensíveis a esta problemática, a discussão resultou no desafio de pensar a questão ambiental de forma a considerar a gravidade e complexidade com que se apresentava e para a qual as visões disciplinares tradicionais da ciência se mostravam insuficientes. Como resposta, numerosos espaços acadêmicos apontaram a interdisciplinaridade como opção aos limites disciplinares da ciência, como o PPGMade (FLORIANI, 2018).

A problemática ambiental é uma boa ponte para a interdisciplinaridade, e o contrário também. Essa interconexão alcança o PPGMade. Embora o programa pertença à área de conhecimento de Ciências Ambientais da Capes na proposta pedagógica do programa, a prática interdisciplinar sempre foi tratada com centralidade. O programa possui como horizonte construir uma análise globalizante sobre a problemática (sócio) ambiental, sobretudo aquela que reside na inter-relação homem-natureza (FLORIANI et al., 2011). Nessa ligação entre duas grandes áreas do conhecimento, as Ciências Ambientais e a Interdisciplinar, o PPGMade busca a construção de pontes entre os conhecimentos, tanto

de dentro quanto de fora da academia, visando a analisar e contribuir para a resolução de conflitos socioambientais (RAYNAUT, 2018).

Atualmente o programa conta com quatro linhas de pesquisa, conforme será detalhado mais à frente. É no trabalho de pesquisa coletiva interdisciplinar, Linha do Rural da Turma XIII do PPGMade, que este texto se situa. O grupo de seis doutorandos de distintas formações desenvolveu seu projeto de pesquisa no Quilombo Ribeirão Grande-Terra Seca (RGTS), localizado no município de Barra do Turvo, estado de São Paulo. Em um contexto de dificuldades e conflitos socioambientais, o quilombo se destacou por suas formas de resistência, e foi este o foco de construção da pesquisa. Concluiu-se, com a pesquisa, que essas estratégias de resistência não funcionam de maneira isolada; ao contrário, elas se retroalimentam. As estratégias do modo de vida quilombola compõem uma teia de relações que são melhores observadas a partir de uma análise complexa e plural da realidade, como o exercício realizado durante a pesquisa coletiva e interdisciplinar da Turma XIII do PPGMade.

Nesta perspectiva, justifica-se a necessidade do presente trabalho, destacando a importância de construir pesquisas e práticas interdisciplinares capazes de trazer novos elementos para compreender e intervir na complexa problemática socioambiental. Na procura de entender como se constitui a metodologia e o exercício interdisciplinar na prática e quais suas dificuldades e desafios, o objetivo principal deste trabalho é analisar a prática do exercício interdisciplinar da Turma XIII da Linha Ruralidades, Ambiente e Sociedade do PPGMade, que iniciou os estudos em abril de 2018.

Metodologicamente, consiste em uma análise do processo com base no relato da experiência do grupo, sistematizado no formato de um “projeto coletivo” sob a luz das teorias da interdisciplinaridade. Destaca-se que os autores deste trabalho também foram discentes e docentes do processo que o gerou.

A estrutura deste artigo, além desta introdução, é composta por outros três itens. O item *A interdisciplinaridade do PPGMade* procura detalhar as principais singularidades do programa. Em seguida, o item *O exercício coletivo e interdisciplinar da TURMA XIII DO PPGMade* apresenta quais foram os momentos da construção do projeto coletivo e as reflexões preliminares que o campo e o processo oportunizaram. No item *Dificuldades, desafios e aprendizados da caminhada* é analisado o processo coletivo e interdisciplinar da turma em questão. Por fim, as *Considerações Finais* trazem uma avaliação do processo e da pesquisa.

## 2 A interdisciplinaridade do PPGMade

Antes de apresentar como foi o exercício da Turma XIII do PPGMade, objetivo central deste texto, cabe trazer algumas considerações gerais do programa. No PPGMade, embora a estrutura e o funcionamento sejam constantemente avaliados e, de tempos em tempos, aprimorados, a formação para a pesquisa interdisciplinar, via de regra, se completa e se concretiza por um conjunto de módulos, disciplinas e uma oficina, bem como o agrupamento dos discentes e docentes em linhas de pesquisa. As linhas de pesquisa, tradicionalmente, são quatro: i) Epistemologia Ambiental, ou Linha da Epistemologia; ii) Urbanização, Cidade e Ambiente Urbano, ou Linha do Urbano; iii) Ruralidades, Ambiente e Sociedade, ou Linha do Rural e; iv) Usos e Conflitos em Ambientes Costeiros, ou Linha do Costeiro (FLORIANI,2018).

No que diz respeito às orientações, ao invés da clássica formulação orientação e co-orientação, busca-se, no programa, a construção de comitês de orientação. Via de regra, o comitê é constituído por três docentes; e na composição de tais comitês, sugere-se a presença de sujeitos de áreas do conhecimento, perfil metodológico e trajetória de vida distintas, com membros da própria linha de pesquisa, de outras linhas do PPGMade, assim como de fora do Programa, mas todos alinhados com a temática central do projeto de pesquisa do doutorando. Por isso, a montagem do comitê acontece após a definição do tema do projeto coletivo, usualmente no final do segundo ano do curso. Ainda que exista um coordenador do comitê de orientação, normalmente um professor da linha de pesquisa do discente, sugere-se que o processo seja realizado de maneira coletiva. Essa dinâmica busca potencializar análises interdisciplinares das teses construídas no PPGMade.

Em relação à matriz curricular, o programa busca diferenciar-se do modelo tradicional de disciplinas seccionadas e construir módulos com a maior parte dos temas e metodologias que agrupam e procuram articular conteúdos e realizar disciplinas de aprofundamento de determinadas temáticas. Historicamente, no primeiro ano, a matriz curricular é composta por três módulos integradores. Estes módulos são obrigatórios e almejam desconstruir as certezas disciplinares e apresentar a diversidade de áreas acadêmico-científicas utilizadas para compreender a problemática socioambiental, sendo eles: i) Fundamentos e Teorias das Ciências Sociais e Humanas (Módulo I); ii) Fundamentos e Teorias das Ciências da Natureza (Módulo II); e iii) Sociedade, Meio Ambiente e Desenvolvimento (Módulo III). Após os Módulos I, II e III, acontece a disciplina Construção da Pesquisa Interdisciplinar, que tem como horizonte contribuir no debate das formas de praticar a interdisciplinaridade. No

mesmo período de tempo, são realizadas as disciplinas de aprofundamento das quatro linhas de pesquisa do PPGMade (Epistemologia, Urbano, Rural e Costeiro), obrigatórias para os discentes da linha e facultativas aos demais (FLORIANI, 2018).

No segundo ano, ocorre a disciplina obrigatória Metodologia da Pesquisa Científica. Ela tem como foco apoiar os discentes na construção dos projetos coletivos e individuais, nos usos e formas dos instrumentos de coleta e na análise de dados. No mesmo ano, ocorre a Oficina de Pesquisa Interdisciplinar em Meio Ambiente e Desenvolvimento (denominada Oficina Interdisciplinar), quiçá, a maior singularidade do PPGMade. Ela é obrigatória e se divide em três etapas. A primeira é a construção do projeto coletivo de pesquisa da turma, a partir do qual, posteriormente, são desdobrados em projetos das linhas, a segunda etapa. Nela, os encontros se dão dentro da linha, isto é, são organizados e geridos pelos docentes e discentes de cada linha de pesquisa do programa. Só então os projetos individuais (a terceira etapa) são finalizados. Estas etapas são cumulativas, ou seja, o tema central escolhido coletivamente pela turma direciona a especificidade a ser tratada em cada linha; essas escolhas inspiram a construção dos projetos de pesquisa individuais.

A experiência da Oficina Interdisciplinar, detalhada a seguir, é o ápice e, ao mesmo tempo, o grande desafio da interdisciplinaridade na formação em pós-graduação, uma vez que, embora o ponto de partida seja coletivo, as teses são individuais. Seguindo os pressupostos da interdisciplinaridade na produção do conhecimento do programa, durante a Oficina Interdisciplinar as pesquisas individuais deverão mostrar-se coerentes com a fundamentação e as questões encontradas no trabalho coletivo, de modo que as várias áreas de formação de origem do grupo de pesquisadores sejam contempladas e possam gerar reflexões articuladas desde esse momento até as sínteses finais do conjunto de teses que serão elaboradas (RAYNAUT, 2018).

Outra singularidade do programa é o intenso regime de aulas, leituras e produções textuais nos dois primeiros anos, ocupando praticamente todo o tempo dos doutorandos. Por essa razão, acompanhar a dinâmica do PPGMade e realizar trabalhos para além dela é um grande desafio para os doutorandos que não possuem dedicação exclusiva. Influenciados por esse contexto, é comum acontecerem migrações dos doutorandos entre as linhas de pesquisa e desistências em acompanhar o processo coletivo, os ditos “átomos livres” que constroem suas pesquisas de forma individual. Realizada esta breve apresentação do PPGMade, no próximo item é abordado o exercício da Turma XIII do PPGMade.

## 2.1 O Trajeto da Turma XIII do PPGMade

A estrutura de funcionamento descrita no item anterior não é utilizada da mesma maneira em todas as turmas<sup>1</sup>. Pelo contrário, uma prerrogativa com peso no programa é: em cada turma será construído/adequado o exercício interdisciplinar, ainda que exista um roteiro pré-elaborado e as experiências das outras turmas como guia. Por isso, se faz necessário descrever o funcionamento e a estrutura da Turma XIII do PPGMade, pois algumas modificações repercutiram no exercício interdisciplinar analisado neste artigo.

Com ingresso em 2018, a Turma XIII foi composta por 23 doutorandos. Inicialmente, além das quatro linhas clássicas, existiam quatro enfoques transversais: i) Comunicação Ambiental; ii) EKOA – Direito, Movimentos Sociais e Natureza; iii) Governança e Políticas Públicas Ambientais e; iv) Ecosocioeconomia. Entretanto, no início do ano de 2019, em decorrência da reavaliação interna do método, decidiu-se por uma reorganização, retornando às quatro linhas clássicas do programa: Epistemologia, Costeiro, Urbano e Rural.

A matriz curricular da Turma XIII foi composta pelos três tradicionais módulos integradores do PPGMade (Fundamentos e Teorias das Ciências Sociais e Humanas, Fundamentos e Teorias das Ciências da Natureza e Sociedade, Meio Ambiente e Desenvolvimento). Eles aconteceram de abril a setembro de 2018, e cada módulo possuía uma carga horária de 90 horas, via de regra, com aulas das terças às quintas-feiras. De setembro a novembro, após esse período de alteridade epistemológica, os doutorandos participaram da disciplina Construção da Pesquisa Interdisciplinar. Essa disciplina teve carga horária de 30 horas e buscou discutir como os programas de pós-graduação tratam a interdisciplinaridade, bem como quais são os pressupostos utilizados pelo PPGMade. No mesmo espaço de tempo, aconteceram as disciplinas das linhas. No caso do Rural, objeto deste trabalho, foi ministrada a disciplina Agricultura, Desenvolvimento Rural e Sustentabilidade, com carga horária de 60 horas. Seu escopo foi detalhar a problemática e os pressupostos teórico-analíticos que, historicamente, compõem a Linha Ruralidade, Ambiente e Sociedade. Além disso, a disciplina fortaleceu a aproximação entre discentes e docentes do rural.

Toda essa grade curricular retratada serviu de antessala para a Oficina Interdisciplinar, que teve carga horária de 150 horas e aconteceu de maio a julho de 2019. Entretanto, como usualmente acontece no programa, em vez de iniciar pela construção de um projeto

<sup>1</sup> Cabe destacar que, em 2020, o PPGMADE realizou um ajuste curricular, com revisão dos Módulos. Mais informações sobre a grade atual do programa podem ser encontradas em seu site: <http://www.prppg.ufpr.br/site/ppgmade/>

envolvendo todas as linhas, na Turma XIII optou-se por começar a elaboração dos projetos nas linhas temáticas e dialogar os resultados em reuniões sazonais envolvendo todos os discentes e docentes, os chamados *parlamentos*.

No terceiro semestre foi ministrada a disciplina Metodologia da Pesquisa Científica. Após essa disciplina, a ênfase foi a construção dos projetos individuais de pesquisa. Com base na escolha do tema de cada doutorando é que foi indicado o orientador principal. Na figura 1, observa-se a sistematização gráfica da linha do tempo descrita até o momento.

Embora na figura 1 se possa observar que o começo, meio e fim estejam sistematizados de forma evidente, na prática o processo não foi exatamente assim. Após o final dos Módulos II e III, textos a serem enviados como requisitos de avaliação continuaram sendo elaborados e corrigidos a partir de recomendações dos docentes. Alguns chegaram a ser apresentados em eventos científicos e publicados em revistas. Já a Oficina Interdisciplinar inicia no terceiro semestre e é finalizada no quarto semestre, mas aconteceram atividades de elaboração textual e encontros entre os discentes e docentes pelo menos até agosto, ultrapassando e muito o indicado oficialmente. Pode-se inclusive interpretar, diferente do apresentado na figura 1, que a elaboração dos projetos individuais fez parte da Oficina Interdisciplinar. Projetos estes que tiveram uma primeira versão finalizada em outubro, mas continuaram sendo elaborados e revisados posteriormente.

Figura 1: Linha do tempo do processo coletivo da linha do rural da turma XIII do PPGMade.



Fonte: Os autores.



Mais do que a exatidão de quando inicia e termina cada ação, a representação gráfica da figura 1 tem como objetivo principal comunicar a sequência, aproximada, no tempo, da lógica que direcionou o processo coletivo e interdisciplinar da Turma XIII do PPGMade, especialmente da Linha do Rural.

Essa lógica e matriz curricular apresentada foi elaborada e ministrada por 21 docentes permanentes e cinco colaboradores do PPGMade. Esses docentes não possuem dedicação exclusiva, pois o programa não é vinculado a nenhum setor da UFPR. Os docentes do programa são oriundos de outros departamentos da UFPR (como educação, sociologia, economia,) e de outras organizações de ensino, como o Instituto Federal do Paraná e a Universidade Federal da Fronteira Sul. Além disso, os docentes fazem parte de vários grupos de pesquisas e inúmeros projetos acadêmicos que não têm relação direta com o Programa.

Outra característica da Linha do Rural da Turma XIII diz respeito ao perfil dos discentes e docentes que a compõem. São seis discentes de diversas formações, duas biólogas, um jornalista, uma economista, um gestor ambiental e uma engenheira agrônoma, que também têm trajetórias de vida distintas. Os docentes são seis, também com formações diversas (três engenheiros agrônomos, um engenheiro florestal, um economista e uma advogada), que, no percurso de suas trajetórias, migraram para outras áreas, como sociologia rural, etnografia, educação, agroecologia e desenvolvimento territorial sustentável, culminando em sua escolha por participar do PPGMade. A diversidade que forma esse grupo contribui diretamente para o processo interdisciplinar, pois, conforme Raynaut, (2018, p. 38) não se trata apenas de 'construir pontes' entre as disciplinas, mas de "uma abordagem de pesquisa baseada justamente na diversidade de olhares e de métodos científicos para confrontar a heterogeneidade e a complexidade do real, a fim de compreender os problemas que temos de resolver atualmente".

## 2.2 O exercício coletivo e interdisciplinar da turma XIII DO PPGMade

Comunicado um panorama de como funcionou a Linha do Rural da Turma XIII do PPGMade, é necessário concentrar na dinâmica da Oficina de Pesquisa Interdisciplinar em Meio Ambiente e Desenvolvimento, considerada uma etapa-chave no processo de preparação para a pesquisa e produção de conhecimento no programa.

No início de abril de 2019, discentes e docentes da Turma XIII da Linha Ruralidades, Ambiente e Sociedade reuniram-se para dar início à construção coletiva e interdisciplinar da

Oficina Interdisciplinar. A seguir, é descrita essa construção, especialmente as linhas gerais do desenvolvimento de quatro momentos-chave que emergiram no decorrer do exercício.

*- Momento I: Construção da organicidade*

Entende-se por organicidade um conjunto de acordos vinculados ao modo, motivo, ferramentas, instâncias e procedimentos das ações que um determinado coletivo define em prol de um objetivo comum (BOGO, 2009). No caso da Turma XIII da Linha do Rural do PPGMade, a organicidade teve como objetivo contribuir para a criação de um ambiente de interação que permitisse diálogos entre as diversas formações e trajetórias de vida dos doutorandos, bem como diminuir atritos entre os discentes por meio de definições prévias sobre o que, quem e como fazer as ações do projeto coletivo.

O primeiro momento se iniciou com uma reunião entre a turma e o professor indicado como interlocutor entre discentes e docentes. Este professor estaria presente em grande parte das reuniões do grupo. Esta atividade consistiu na apresentação do resultado de um exercício proposto pelos professores do PPGMade no início de 2019, no qual cada doutorando elaborou e comunicou os conceitos e temas com os quais havia se identificado durante as aulas do primeiro ano e teria interesse em aprofundar em sua tese individual, seguido por uma socialização dos interesses de pesquisa de cada participante.

Além disso, o professor interlocutor informou que o escopo da oficina seria constituir-se em um espaço formativo para a construção/definição: i) de um processo, organizado pelos discentes com apoio dos docentes, para construir o projeto coletivo; ii) de um espaço (territorial e/ou organizacional) coletivo de pesquisa; iii) de um problema comum; e iv) de categorias teóricas que sustentem esta construção. Ainda no primeiro encontro, foram realizados acordos a respeito da dinâmica de funcionamento da oficina e o calendário das atividades, sendo:

- a) Os encontros (em um mínimo de 12) ocorrerão às quintas e sextas-feiras, sendo nove encontros entre a Linha do Rural e três parlamentos;
- b) Reforçou-se a alteração do enfoque da construção do projeto, partindo da linha e socializando os acúmulos nos parlamentos;
- c) Não há uma grande temática *a priori*; cada linha poderá definir a sua ou, no processo, poderá ocorrer de as quatro linhas chegarem a uma temática comum;
- d) No final do mês de junho, os doutorandos da Linha do Rural devem apresentar a primeira versão do projeto coletivo, e em outubro será apresentada a versão

final do projeto de pesquisa coletivo e a intenção de pesquisa individual de cada pesquisador como um desdobramento do projeto coletivo.

Uma frase dita pelo professor interlocutor que contempla boa parte do esperado pelos docentes na Oficina Interdisciplinar é: “a gente apresentou uma proposta do que esperamos de produtos e prazos, o processo deverá ser organizado por vocês”.

Após esta atividade, ocorreu uma reunião entre os discentes com o objetivo de aprofundar a construção da organicidade. Na reunião, o debate girou em torno da elaboração de um conjunto de acordos sobre o modo de organizar e coordenar a Oficina Interdisciplinar, culminando na criação de dois eixos de ações, presencial e à distância, sendo as presenciais: reuniões entre os alunos; reuniões entre os professores da Linha do Rural e os alunos, com uma periodicidade de quinze dias; oficinas de aprofundamento teórico e prático com sujeitos com notório conhecimento sobre temas que foram surgindo durante a oficina; atividades de campo; e, por fim, a participação nos parlamentos. O eixo a distância foi composto por ações de preparação para as atividades presenciais, como montagem de pauta, leituras e reflexões e elaborações textuais sobre os assuntos abordados presencialmente. Esta organicidade citada é sistematizada na figura 2.

Como se percebe na figura 2, as atividades presenciais e a distância não ocorreram de forma isolada, pelo contrário, formaram um processo complementar e sinérgico. Nesse processo, identificou-se que as ações presenciais tiveram melhores resultados quando houve preparação delas a distância, enquanto as atividades a distância foram melhores executadas quando presencialmente definiu-se quais ações deveriam ser realizadas.

Figura 2: Organicidade construída coletivamente para a realização do projeto coletivo da linha do rural do PPGMade.



Fonte: Os autores.

Nessa relação, alguns acordos coletivos foram chaves, como: a) definição do armazenamento compartilhado das informações em “nuvens”; b) uso de programas de edição de textos online; c) criação de um grupo em aplicativo de mensagens; d) criação de um plano de ação contendo o quê, quem e quando fazer. Para nivelar o conhecimento dessas ferramentas, foi realizada uma oficina de aprofundamento teórico e prático sobre elas, facilitada por doutorandos da própria turma.

Para melhor organizar as ações das atividades presenciais e a distância, foi indicado um coordenador entre os discentes, o que ocorreu em forma de rodízio, em que a cada mês era estipulado um novo coordenador. Este tinha como função acompanhar o plano de ação e facilitar a realização das atividades. Também foram elencados dois relatores para sistematizar os encontros presenciais. Sistematizados esses acordos operacionais, deu-se início à construção dos demais momentos do projeto coletivo. Para isso, foram elencados quais seriam os momentos que deveriam compor todo o processo, bem como quais perguntas deveriam orientar cada momento.

*- Momento II: Identificação e definição do campo coletivo*

A identificação do campo coletivo se apoiou na busca por respostas para as seguintes perguntas: a) onde encontramos os possíveis temas de interesse pessoal? b) onde

encontramos temas de interesse do PPGMade? c) onde podemos ser bem-vindos e, quem sabe, úteis? d) como resolver os custos financeiros da pesquisa? e) como conciliar os prazos exigidos pelo PPGMade com a dinâmica social do local do estudo?

Um aspecto central na definição do campo coletivo diz respeito a uma disposição prévia de alguns alunos em pesquisar um Quilombo no Vale do Ribeira. Essa disposição é resultado de uma atividade de campo organizada no segundo semestre do ano de 2018 durante a disciplina Agricultura, Desenvolvimento Rural e Sustentabilidade, descrita anteriormente. Nessa disciplina, organizaram-se visitas a campo a duas unidades agroecológicas com foco na produção de hortaliças na Região Metropolitana de Curitiba, um Centro de Envolvimento Agroflorestal, no município de Barra do Turvo (SP), e no Quilombo Ribeirão Grande/Terra Seca, ou Quilombo RGTS, também em Barra do Turvo. O Quilombo em questão, por apresentar temas pesquisados pelo PPGMade e uma aparente receptividade da comunidade, foi tratado como o possível local do campo coletivo da Oficina Interdisciplinar. Outro aspecto relevante do Quilombo RGTS é que um dos doutorandos trabalhou no local com sistemas agroflorestais e agroecologia, o que facilitou uma primeira aproximação da turma com a comunidade.

O cenário do quilombo é categórico para se perceber a necessidade de pesquisas coletivas e interdisciplinares. Segundo Raynaut (2018), é na *produção de conhecimentos* que se pode exercer plenamente o potencial de inovação, o grande desafio da interdisciplinaridade, pois é aqui que tal desafio alcança sua plena dimensão. Na busca de produzir novos conhecimentos sobre uma dada realidade, tomamos consciência de que ela é produto de uma “combinação de fatores e dinâmicas heterogêneos, cuja interação lhe dá uma coerência orgânica” (RAYNAUT, 2018, p. 38). A combinação de fatores que caracterizam as dinâmicas do modo de vida no Quilombo RGTS necessita de um olhar complexo (MORIN, 2007), assim como suas relações.

Durante as reuniões presenciais entre os alunos, explicitou-se o interesse em realizar a pesquisa nesse local. Diante disso, foi planejada uma primeira visita do grupo ao Quilombo RGTS com a intenção de conversar com atores-chave sobre o interesse da realização de pesquisas no local. Três doutorandos realizaram essa atividade, mas elaborou-se, prévia e conjuntamente, um roteiro com perguntas abertas sobre o interesse da comunidade em receber os pesquisadores, quais os possíveis temas de interesse dela, uma estimativa de custos (alimentação e hospedagem) para as atividades de pesquisa e se havia outras pesquisas sendo realizadas. O resultado dessa visita foi sistematizado e discutido primeiro

entre os alunos, depois entre os professores e, posteriormente, no parlamento. Como não houve objeções, o Quilombo RGTS foi definido como o campo coletivo.

*- Momento III: Definições teórico-práticas*

No terceiro momento buscou-se definir elementos teóricos e práticos de três aspectos do projeto coletivo: problema, metodologia e categorias analíticas ou conceitos. As perguntas que direcionaram cada aspecto foram:

- a) Problema de pesquisa: i) como dialogar os interesses de pesquisa individuais? ii) como envolver a comunidade nessa escolha? iii) o que a realidade nos revela? iv) como dialogar teoria e prática? v) as pesquisas podem contribuir na realidade? vi) como cumprir os prazos?
- b) Categorias analíticas/conceitos: i) quais são os interesses dos doutorandos? ii) quais categorias ou conceitos dialogam com os interesses da comunidade? iii) existe alguma categoria ou conceito que contemple todos os interesses? iv) como cumprir os prazos?
- c) Metodologia: i) qual método se adapta ao problema e categorias analíticas/conceitos escolhidos? ii) qual método se adapta às expectativas da comunidade? iii) qual método se adapta aos prazos e aos recursos econômicos disponíveis?

Para tentar responder a estas perguntas, foram realizadas duas reuniões entre os discentes e a apresentação das discussões durante um parlamento. Também ocorreram três oficinas de aprofundamento teórico e prático. A primeira buscou debater o que é um quilombo e contextualizar a luta pelo reconhecimento dos territórios quilombolas. A segunda tratou do pensamento decolonial e seus limites e potencialidades para analisar o campo coletivo. Ambas foram realizadas pelos docentes do PPGMade. A terceira oficina teve como tema gerador o modo de vida quilombola e possíveis assuntos de pesquisa para a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ). Ela foi apresentada por um representante da CONAQ que, na época, também era discente de mestrado do PPGMade.

Uma ação importante desse momento foi a problematização dos interesses dos doutorandos acerca do problema de pesquisa, conceitos e métodos que deveriam ser usados no projeto coletivo e aprofundados em suas teses individuais. Para isso, utilizaram-se princípios da matriz de priorização descrita por Geilfuls (1997). Nessa adaptação, cada doutorando preparou previamente respostas para as questões mencionadas anteriormente e apresentou-as para os colegas. Essas respostas foram resumidas em tarjetas e coladas na parede, agrupadas por categoria-conceito, problema-tema, metodologia e interesses da

comunidade. Em seguida, debateu-se o resultado e retiraram-se as tarjetas consideradas menos relevantes. Ao final, alguns consensos foram, provisoriamente, acordados, sendo debatidos com os professores nas reuniões da Linha do Rural e durante o parlamento. Observa-se, nas figuras 3 e 4, momentos desse processo.

Figuras 2 e 3: À esquerda a preparação da matriz de priorização para construção do problema de pesquisa, conceitos e métodos do projeto coletivo. À direita o resultado do processo



Fonte: os autores.

O processo retratado nestas figuras gerou a indicação de que o problema do projeto coletivo estaria vinculado **às estratégias de resistência do modo de vida no Quilombo RGTS**, com ênfase nas relações do quilombo entre si, com a sociedade e a natureza. O Pensamento Decolonial (QUIJANO, 2010; LUGONES, 2014; SANTOS; MENESES, 2010), Agroecologia (SEVILLA-GUZMÁN, 2002), Sistemas Alimentares (PLOEG, 2013) e

Sociobiodiversidade (DIEGUES, 2014) foram os conceitos escolhidos. Quanto ao método, deveriam ser utilizados os princípios das pesquisas participativas (DEMO, 2004).

*- Momento IV: Escrita do projeto coletivo e artigos*

Para elaborar o projeto coletivo foram realizadas quatro reuniões entre os alunos, três entre os professores, uma participação no parlamento e três atividades de campo coletivas. Essas ações buscaram dar materialidade à escrita do documento a partir das perguntas e acordos construídos nos momentos anteriores.

A primeira ação deste momento foi realizar uma visita de apresentação à sede do Quilombo RGTS para socializar o interesse dos doutorandos em fazer suas teses no local. Em seguida, foi iniciada a escrita de um pré-projeto composto por introdução, problemática, metodologia do campo coletivo, caracterização socioambiental da região e quais categorias analíticas seriam utilizadas. Essa estrutura, sobretudo a metodologia do campo coletivo, foi debatida com os professores da Linha do Rural e durante um parlamento. Paralelamente a esses debates, realizou-se outra etapa do campo coletivo visando iniciar a caracterização empírica da realidade. Para isso, foi construído um roteiro aberto (GEILFULS, 1997) composto por questões orientadoras definidas coletivamente. Esse roteiro foi composto por seis blocos de assuntos para serem observados, sendo eles: i) dados da família; ii) questão alimentar; iii) relação com a natureza; iv) agricultura/agroecologia; v) dimensão simbólica; e vi) outras questões.

Com a definição do que observar, todos os doutorandos, acompanhados pela coordenadora da Linha do Rural, passaram dois dias no Quilombo RGTS coletando informações com base no roteiro elaborado. As informações coletadas a campo foram sistematizadas coletivamente num único documento e utilizadas na elaboração de uma primeira versão do projeto coletivo. A primeira versão foi apresentada durante um parlamento e, na sequência, enviada aos professores do programa para revisão e usada como referência para criar um folder (figura 4), o qual foi entregue e debatido numa quarta visita a campo no Quilombo, com a participação de cinco doutorandos.



Figura 4: Folder discutido e disponibilizado à comunidade, elaborado com base na teia de resistência do modo de vida do Q-RGTS.



Fonte: os autores.

O folder teve como principal objetivo comunicar os resultados do exercício coletivo e interdisciplinar junto às famílias do Quilombo Ribeirão Grande/Terra Seca, pois tal ação foi uma prerrogativa da comunidade desde a primeira incursão a campo. Além de apresentar os resultados, a produção do material teve a intenção de contribuir para a divulgação dos benefícios socioambientais do modo de vida do quilombo para a sociedade.

Após os ajustes recomendados pelos professores e pela comunidade, finalizou-se o projeto coletivo da Turma XIII da linha Ruralidades, Ambiente e Sociedade do PPGMade. O projeto coletivo construído também subsidiou a definição, ainda que preliminar, dos temas de pesquisa individuais e a indicação dos orientadores principais de cada doutorando. Através do quadro 1, apresentado a seguir, observa-se a sistematização dos momentos descritos acima.

Quadro 1: Síntese do processo metodológico da turma XIII da linha do rural

MOMENTO	PERGUNTAS ORIENTADORAS	AÇÕES	RESULTADOS
Construção da Organicidade	a) Como criar um ambiente de interação que permita diálogos entre as diversas formações e trajetórias de vida dos doutorandos? b) Quais acordos e ferramentas podem diminuir os atritos entre os doutorandos e dar mais eficiência ao trabalho em grupo?	- 1 reunião entre os docentes; - 1 reunião com os professores; - 1 parlamento; - 1 oficina de aprofundamento	- Definição prévia da existência de momentos presenciais e a distância; - Escolha pelo uso de ferramentas de compartilhamento online.
Identificação do Campo Coletivo	a) Onde encontramos os possíveis temas de interesse pessoal e do PPGMade? b) Onde existe boa receptividade? c) Como resolver os custos financeiros da pesquisa? d) Como conciliar os prazos exigidos pelo PPGMade com a dinâmica social do local do estudo?	- 1 atividade de campo coletiva; - 1 reunião com os professores; - 1 reunião entre os docentes	- Definição do Quilombo RGTS como território do campo coletivo.
Definições do Problema; Categoria Analítica / Conceito e Métodos	a) Quais escolhas permitem o diálogo dos interesses individuais com os da comunidade? b) Como envolver a comunidade nessa escolha? c) O que a realidade nos revela? Como dialogar teoria e prática? d) Como as pesquisas podem contribuir na realidade? e) Como cumprir os prazos do PPGMade?	- 3 oficinas de aprofundamento - 1 parlamento - 2 reuniões entre os docentes - 1 reunião com os professores	- Estratégia de (re)existência do modo de vida quilombola definida como problema de pesquisa; - Pensamento Decolonial, Agroecologia, Sistema Alimentar e Sociobiodiversidade escolhidos como conceitos; - Princípios da pesquisa participativa definida como método.
Escrita do Projeto Coletivo e Artigos	a) Como manter os acordos e princípios elaborados também na escrita? b) Como conciliar as exigências acadêmicas de uma publicação com a participação da comunidade? c) Como aproveitar o material elaborado nas teses individuais?	- 3 atividades de campo coletivo - 2 parlamentos - 4 reuniões entre os docentes - 3 reuniões com os professores	- Elaboração de um projeto de pesquisas e dois artigos científicos; - Elaboração de um folder síntese distribuído para a comunidade; - Subsídios para os temas das teses individuais.

Fonte: os autores a partir do projeto coletivo.

Ao longo dos momentos descritos no quadro em questão, ocorreram seis reuniões entre os professores e alunos; oito reuniões entre os alunos; quatro oficinas de aprofundamento teórico e prático; e quatro atividades de campo coletivas. Nesse processo,

destaca-se a constante tentativa de encontrar ferramentas que se adequassem a cada momento, construindo no coletivo os caminhos através do conhecimento prévio de cada participante, criando-se assim uma troca interdisciplinar. A interdisciplinaridade reconhece e legitima as especificidades disciplinares, “não congeladas em uma forma definitiva, mas dinâmicas” (RAYNAUT, 2018, p. 38), ou seja, situadas em um movimento de cooperação e hibridização desde as teorias e metodologias de produção do conhecimento sobre o real, que por ser essencialmente heterogêneo e complexo, reclama por esta abordagem integrada do pensar e fazer científico. Ela representa um “esforço determinado e inovador para elaborar uma metodologia que permite articular essa diversidade de aparatos teóricos e metodológicos a serviço de um percurso de pesquisa comum” (RAYNAUT, 2018, p. 38).

É preciso reforçar que a Oficina Interdisciplinar, como descrito na figura 2, foi além dessas ações presenciais, sendo também constituída pelas atividades individuais e à distância. Outro aspecto que precisa ser mencionado é o fato de a sistematização apresentada no quadro 1 não ser a mesma que iniciou o exercício interdisciplinar. Alterações foram acontecendo na medida em que novas informações e compreensões surgiam, os demais momentos foram se reorganizando. Além disso, as separações não foram tão rígidas, pois algumas perguntas e ações se vinculam a mais de um resultado ou momento. O processo descrito até aqui é melhor compreendido quando se analisa seu funcionamento na prática, como se verá no próximo item.

### 2.3 Breve reflexão interdisciplinar no Quilombo RGTS

A primeira reflexão sobre a pesquisa interdisciplinar no Quilombo RGTS é o método do campo coletivo. Seu caráter foi exploratório, conforme citado por Gil (1991), sendo dividido em quatro momentos complementares. O primeiro momento, **Aproximação ao grupo social e construção de laços de confiança**, buscou construir empatia com a comunidade e identificar temas e problemas de pesquisas de interesse do Quilombo RGTS, por meio de observações diretas conforme descritas por Demo (2004). Foram organizadas observações do cotidiano de quatro atores que possuem notório conhecimento sobre a realidade do Quilombo RGTS, através de duas visitas in loco. No segundo momento, **Descrição da realidade por dados secundários**, foram sistematizados dados do Quilombo RGTS, do município (Barra do Turvo/SP) e região (Vale do Ribeira/SP) onde está inserido o Quilombo. Essa sistematização foi elaborada a partir dos Censos Agropecuários do Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019) de 2006 e 2017, e da análise bibliométrica (ARAÚJO, 2006) de pesquisas que aconteceram no Quilombo RGTS.

O terceiro momento, **Descrição empírica da realidade**, iniciou com a realização de diálogos com sujeitos-chave do Quilombo RGTS, guiados por um roteiro previamente construído pelos docentes e professores (GEILFULS, 1997) e observações diretas (DEMO, 2004) do cotidiano da comunidade. Nesse roteiro, buscou-se identificar questões sobre o sistema alimentar, a relação entre agricultura quilombola e a agroecologia, os possíveis conflitos de uso do solo e território, a dimensão simbólica com foco na espiritualidade, e a relação ser humano e natureza, posteriormente levantando-se questões relativas às iniciativas associativas de processamento/comercialização e às relações de gênero e protagonismo das mulheres, que demonstraram especial destaque desde as primeiras conversas. As ações deste momento aconteceram durante dois dias de convivência no quilombo com a presença de todos os pesquisadores e a coordenadora da linha do rural. No total, nove entrevistas e a observação direta de seis unidades familiares foram realizadas.

O quarto momento, **Problematização dos resultados com o Quilombo RGTS e professores do PPGMade**, consistiu na realização de uma atividade coletiva na sede do Quilombo, baseada nos círculos de cultura de Freire (2007), para apresentar e problematizar os resultados da escrita do projeto coletivo. Como descrito anteriormente, essa problematização também aconteceu por parte do quadro docente do PPGMade, por meio da leitura e avaliação do projeto coletivo produzido e entregue pelos doutorandos. No quadro 2, observa-se a síntese do caminho metodológico.

Quadro 2: Síntese do caminho metodológico da pesquisa coletiva da turma XIII do PPGMade

MOMENTO	TÉCNICA	RESULTADO
I) Aproximação ao grupo social e Construção de Laços de Confiança	Observação direta Entrevistas com atores-chave	- Identificar problemas e temas de pesquisa; - Diagnosticar custos financeiros com alimentação e hospedagem; - Iniciar a construção de laços para quem optar por pesquisas individuais colaborativas.
II) Descrição da realidade por dados secundários	Revisão bibliográfica Análise dos dados do IBGE Bibliometria	- Identificar aspectos já pesquisados no Quilombo; - Identificar características socioambientais do município de Barra do Turvo e do Vale do Ribeira.
III) Descrição empírica da realidade	Diálogo com atores-chave Observação direta	- Identificar quais são as principais características do modo de vida quilombola; - Subsidiar a escolha de temas e trazer elementos para as pesquisas individuais.
IV) Problematização dos resultados com o Quilombo RGTS e professores do PPGMade	Círculos de cultura Envio do projeto para os professores	- Problematizar junto à comunidade e os professores os resultados obtidos no processo; - Referendar, adequar ou refutar o resultado; - Iniciar as pesquisas individuais.

Fonte: os autores a partir do projeto coletivo.

Observa-se no quadro 2 a utilização de um conjunto de técnicas oriundas de vários campos do conhecimento, como os círculos de cultura (FREIRE, 2007), a bibliometria (ARAÚJO, 2006) ou a análise do censo agropecuário (IBGE, 2019). Essa diversidade contribuiu para que a caracterização da realidade também fosse plural, como a identificação de que o Vale do Ribeira, região do Quilombo RGTS, constitui a maior área contínua de Mata Atlântica do mundo, um dos biomas mais ricos em diversidade biológica e ameaçado do planeta (IPHAN, 1999); ou o apontamento de que o município de Barra do Turvo (SP) apresenta concentração fundiária maior do que a média nacional (IBGE, 2019); e os 21 documentos acadêmicos (artigos, capítulos de livros e afins) diretamente relacionados com o Quilombo RGTS, escritos por 18 autores entre os anos de 2011 e 2018.

A identificação de cinco estratégias de resistência do modo de vida no Quilombo RGTS, para serem aprofundadas nas teses individuais, é outro ponto de reflexão. Essa escolha se deu tanto pela caracterização da realidade (empírica e por dados secundários) quanto pela formação e trajetória de vida dos doutorandos, bem como um possível interesse da comunidade. Nesse processo, cada estratégia foi descrita coletivamente, apontando os principais potenciais e limites descritos a seguir:

1. **Alimentação:** o resgate e a promoção da cultura alimentar quilombola é uma estratégia central do modo de vida no Quilombo RGTS. Nesse processo, acontece uma hibridização entre pratos típicos, como a farinha de milho e rapadura, com novas receitas oriundas de parceiros do Quilombo, como a carne de jaca e o pastel de pupunha. Essa riqueza contribui para a soberania e segurança alimentar e nutricional do local. Porém, a redução da comercialização e mudanças culturais e no território fazem com que alguns produtos, antes produzidos na comunidade, passem a ser comprados, ameaçando essa autonomia. Também vale ressaltar a dificuldade de regularizar os alimentos processados perante os órgãos de fiscalização sanitária;
2. **Comercialização:** as relações comerciais são marcadas atualmente pela relação direta com os consumidores e pela diversidade de canais, como feiras nas cidades de Barra do Turvo e Registro (SP), via cestas de produtos comercializadas pelo grupo de Mulheres Perobas, com apoio da organização Sempre-Viva Feminista (SOF), da Associação do Quilombo RGTS e da Associação de Agricultores Agroflorestais de Barra do Turvo e Adrianópolis (Cooperafloresta). Cabe destacar que problemas nos programas de compras governamentais, especialmente do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), resultaram em dificuldades na comercialização por parte das famílias do Quilombo. O potencial dessa estratégia é a junção de alimentos típicos com alimentos agroecológicos, enquanto que o reduzido volume, sazonalidade e a quantidade reduzida de famílias do Quilombo envolvidas na comercialização atualmente, dificuldades na regularização sanitária e na conformidade orgânica são os principais limites;
3. **Agricultura:** a agricultura também apresenta a hibridização entre o tradicional e o novo, no caso, a agroecologia. Somam-se as sementes crioulas tradicionais (milho e feijão) com o manejo agroflorestal agroecológico durante os mutirões que sazonalmente acontecem. Problemas na comercialização contribuem para que o modelo agrícola baseado na revolução verde passe a ser mais frequente. O potencial dessa estratégia é um caldeirão de saberes e fazeres que a conjugação entre agricultura quilombola e agroecologia proporciona; o limite é o avanço do modelo de produção agrícola hegemônico na sociedade, baseado no intenso uso de insumos externos;

4. **Relação com a natureza:** a maneira de se relacionar com a natureza também foi identificada como uma estratégia. Nessa estratégia, encontraram-se indícios de uma relação que vai além da dominação e exploração da natureza. Pelo contrário, há indícios da manutenção de um processo coevolutivo com ela. E tal processo se mostra também como potencial que permite tecer uma relação que promove a sociobiodiversidade. Todavia, mudanças no contexto fora do Quilombo, como alterações em políticas públicas, podem ameaçar essa relação;
5. **Manutenção do Território:** existe um vínculo histórico entre o território e o modo de vida quilombola que influencia as estratégias identificadas nesta pesquisa. Esse processo contribuiu para a criação de uma vasta experiência na luta pela manutenção do território e o protagonismo das mulheres. O limite dessa estratégia é a insegurança do cenário político atual, em que há uma crescente ameaça de eliminação dos territórios quilombolas. O potencial são os 200 anos de experiência em resistir às pressões externas e continuar existindo enquanto comunidade quilombola.

Essas estratégias não funcionam de maneira isolada, ao contrário, elas se retroalimentam. Por exemplo, ter canais de comercialização potencializa a agricultura e a alimentação das famílias. Além disso, fortalece a manutenção do território e a relação com a natureza no Quilombo RGTS. Quando a comercialização diminui, a quantidade e diversidade de alimentos também fica menor, tanto nos sistemas produtivos como no abastecimento das famílias. Esse processo pode contribuir para a migração dos quilombolas para outros municípios ou regiões e ameaças ao território. Ou seja, as estratégias do modo de vida quilombola compõem uma teia de relações que são melhor observadas a partir de uma análise complexa e plural da realidade, como o exercício realizado durante a pesquisa coletiva e interdisciplinar da Turma XIII do PPGMade.

### **3 Dificuldades, desafios e aprendizados da caminhada**

A trajetória da experiência interdisciplinar da Turma XIII da Linha Ruralidades, Ambiente e Sociedade foi tão rica quanto complexa. Analisar toda essa riqueza vai além do escopo desse artigo. Desta forma, escolheu-se problematizar os aspectos que os autores julgaram ter maior relevância no objetivo desta pesquisa: analisar a prática do exercício interdisciplinar da Turma XIII da Linha Ruralidades.

Um aspecto relevante é a condição material dos membros do processo. Dos seis doutorandos, um teve bolsa de estudo no primeiro ano, e três, no segundo, embora houvesse demanda de todos por bolsa. Com isso, os alunos não bolsistas tiveram que conciliar estudo e trabalho. Como a grade curricular no primeiro ano foi composta por Módulos com regimes de aulas intensos, a conciliação entre trabalho e estudo dificultou o nível de participação, interação e aprofundamento de todos os discentes. A condição do PPGMade de não ter docente contratado e o fato de alguns residirem e trabalharem em outras cidades são pontos que dificultaram a interação com os alunos. Durante a Oficina Interdisciplinar, embora tenham ocorrido seis reuniões entre professores e alunos, além da participação sazonal do professor interlocutor, foi um desafio encontrar espaços em comum em todas as agendas, o que ocasionou a realização de várias atividades sem a presença do quadro total de professores.

De fato, construir interdisciplinaridade de forma intensa sem esquecer do compromisso social e do rigor acadêmico, como o PPGMade se propõe, tende a ter limites quando não estão disponíveis as condições materiais para tanto. Por outro lado, esperar as condições materiais ideais para então praticar os pressupostos do programa, especialmente pelas decisões governamentais que desprestigiam e cortam investimentos da educação e pesquisa públicas, ou selecionar apenas discentes com condições financeiras favoráveis, tende a ser uma decisão frágil. Talvez a saída se torne rever a quantidade de horas e o regime de aulas dos três módulos do primeiro ano, diminuir a quantidade de alunos e priorizar a participação mais continuada dos professores na Oficina Interdisciplinar.

Contudo, a participação continuada dos professores é uma situação que vai além da diminuição da carga horária das disciplinas. Pelo fato de o PPGMade não ter um quadro docente próprio, e a demanda nos departamentos que os atuais estão locados aumentar constantemente, é preciso analisar essa particularidade. Contratar docentes com dedicação exclusiva ao programa, que possam mediar a ligação entre os módulos e as linhas temáticas, bem como articular a participação e inserção de docentes de outros departamentos é uma alternativa interessante para melhorar uma certa desconexão e repetição entre as disciplinas e módulos cursados, observada por parte dos discentes Turma XIII. Mas essa alternativa exige uma atenção para a leitura de mundo dos docentes contratados, de modo que não eliminem a busca pela diversidade epistemológica que acompanha o PPGMade.

Outro aspecto a ser analisado é o desafio da autogestão, potencializado quando os docentes do rural propõem o produto e prazos e solicitam que os discentes criem o



processo. A autogestão teve limites pelas condições materiais já apontadas, mas está longe de ser influenciada apenas por isso. Na autogestão vivida pela Turma XIII, a junção de indivíduos com diversas formações acadêmicas, e a consequente plural forma de olhar e intervir na realidade, foi um elemento importante. Ainda que se tenham buscado dinâmicas participativas e ferramentas de facilitação do diálogo – como a organização e apresentação dos interesses individuais em forma de tarjeta; a dedicação coletiva para sistematizar, ordenar e agrupar questões; os esforços de dialogar e negociar as diferenças, semelhanças e aproximações a partir da exposição das ideias; a criação e o monitoramento de acordos coletivos; o uso de sistemas de compartilhamento de informações e outros – as interações disciplinares enfrentaram problemas. Formar equipes interdisciplinares de pesquisa é um desafio pedagógico, segundo Raynaut, (2018). Não se trata de um profissional ter de proceder análises de áreas alheias ao seu conhecimento, mas de reconhecer seus limites teóricos e metodológicos para, sozinho, chegar a uma compreensão global e relacional da problemática e compartilhar, com as demais áreas e pesquisadores, suas capacidades com a finalidade de melhor estudar as interações e a complexidade daquela realidade.

Um aprendizado desse desafio foi identificar que há questões para além da formação acadêmica que interferem na construção da interdisciplinaridade. A trajetória de vida, tempo e experiência de atuação profissional, idade, perfil econômico e ideologia dos doutorandos são exemplos de variáveis que interferiram, tanto ou mais do que a formação acadêmica, nessa construção. Somam-se a isso aspectos, como uma tendência de educação bancária e uma cultura de competição que impera em boa parte do sistema de ensino brasileiro (FREIRE, 2011). Neste contexto, pode-se indicar que a auto-organização dos discentes se configurou no maior desafio da Oficina Interdisciplinar, especialmente quando se busca rigor científico e compromisso social.

Esses problemas sendo oriundos não apenas da formação individual, mas de um contexto social e educacional, colocam-se como desafios para os alunos e professores, na necessidade de um olhar psicossocial das relações humanas, visão essa que é pouco observada na maioria das pós-graduações. Neste contexto, pode-se colocar quatro considerações: i) foi necessária uma maior participação dos professores em identificar os limites da auto-organização e propor alternativas; ii) faltou aos estudantes capacidade de romper as barreiras disciplinares e a cultura bancária e de competição para se auto-organizarem; iii) os resultados atingidos durante a disciplina foram satisfatórios, tanto pelas condições disponíveis quanto pelo perfil dos estudantes; e iv) para os autores deste artigo,

sobretudo os discentes, a participação numa nova experiência de autogestão interdisciplinar terá um repertório teórico e prático muito maior do que aquele de que dispunham antes da participação da Oficina Interdisciplinar.

Esse repertório rico é influenciado por outro aspecto do processo construído: a escolha pela construção em conjunto com o Quilombo RGTS. Essa escolha, junto com a definição de um espaço em comum onde aconteceram atividades coletivas, permitiu a hibridização dos olhares de sujeitos que estão além da academia (a comunidade) com as formações e as trajetórias de vida dos doutorandos. Essa composição permitiu observar elementos das estratégias de resistência do Quilombo RGTS na teia de relações que o modo de vida quilombola construiu naquele território, isto é, ter uma visão do todo na parte e da parte no todo.

Cabe pontuar que essa interação com a comunidade não se deu de forma igualitária entre os discentes, em virtude das condições materiais e dos interesses de pesquisa de cada um. Fato esse que não deve ser entendido como algo negativo (ainda que tenha gerado dificuldades), e sim como um exemplo de resolução dos desafios do trabalho interdisciplinar, pois, de forma mais ou menos intensa, todos participaram. De qualquer forma, essa tentativa de alargamento epistemológico implica maior gasto de energia, seja na moderação dos professores, na auto-organização dos alunos, nos custos de hospedagem e transporte ou na incerteza de como o processo será recebido pela comunidade.

A tentativa de construir a pesquisa com a comunidade, a partir de abordagens teórico-metodológicas que considerem o diálogo entre quem está na academia e os sujeitos que constroem território e vida com base em complexas relações sociais/comunitárias e com a natureza, o conhecimento gerado nesse processo certamente trará a riqueza da hibridização e potencial para contribuir tanto para a reflexão teórica quanto para a uma ciência pertinente e cidadã, que faça sentido na vida das pessoas.

Outro aspecto considerado como chave na construção da pesquisa coletiva é identificar o momento final de uma experiência interdisciplinar, ou ao menos uma etapa dela, já que a partir da entrega do projeto coletivo, o trabalho em grupo passa ser facultativo. Observou-se que não havia uma noção segura sobre o objetivo central da Oficina Interdisciplinar e até que ponto da elaboração deste processo deveria chegar, até porque é uma característica do PPGMade a construção desse limite de turma para turma. Todavia, essa situação gerou dúvidas do coletivo do que fazer, afinal havia incertezas de até quando ir em coletivo. Com o avanço dos trabalhos, percebeu-se que o objetivo da pesquisa

coletiva era identificar as principais estratégias de resistência do modo de vida no Quilombo RGTS, sendo que, provavelmente, o detalhamento e a análise das resistências vão compor as pesquisas e teses individuais.

Essa definição contribuiu para a escrita do projeto coletivo, qual tipo de método utilizar e a relação entre o que é tema e ação do projeto coletivo e o que é individual. Neste cenário, parece que o aprofundamento de experiências de turmas que cursaram a Oficina Interdisciplinar no PPGMade, como sistematizado nesse artigo, é chave para a fundamentação metodológica e a qualificação do processo e resultados das novas turmas e experiências que virão.

Cabe destacar que, durante a construção coletiva, sempre foi ventilada a possibilidade de execução de processos individuais, os chamados “átomos livres”, embora o trabalho coletivo tenha sido uma prerrogativa valorizada pelos docentes. Em que pese as dificuldades, chegar ao fim do processo com a presença de todos os doutorandos que iniciaram, mesmo com níveis de participação e interesse distintos, é um indicador de que o processo construído pelos discentes e docentes teve bons resultados.

#### **4 Considerações finais**

Com base na análise do caminho coletivo e interdisciplinar da Turma XIII da Linha Ruralidades, Ambiente e Sociedade do PPGMade, pode-se chegar a alguns apontamentos. O primeiro é a singularidade da abordagem metodológica do programa. Essa singularidade se expressa na opção de ter módulos integradores (Módulos I, II e III) em detrimento de disciplinas seccionadas; a opção por definir os temas dos projetos individuais após os Módulos e da construção do projeto coletivo; substituir a formulação de orientação e co-orientação por um comitê de orientação e, especialmente, a realização da Oficina Interdisciplinar que resulta na construção de um projeto coletivo e interdisciplinar com o apontamento de temas para as teses individuais.

Algumas especificidades da turma em questão também carecem considerações, como a provocação dos docentes em que os discentes da Linha do Rural articulassem o processo. Mas é a busca pelo diálogo com a comunidade, no caso o Quilombo RGTS, uma característica que marca o processo. Esta escolha, se por um lado trouxe desafios, por outro potencializou ruídos nas certezas disciplinares e deu materialidade às discussões

teóricas. Pode-se inclusive argumentar que o campo foi o mediador do processo coletivo e interdisciplinar da Turma XIII da Linha do Rural.

Entretanto, praticar a singularidade do PPGMade tem limites. A falta de condições materiais dos discentes em se dedicar exclusivamente ao Programa, os limites de tempo dos docentes para participar do processo, sobretudo na interação entre os módulos e na Oficina Interdisciplinar, são exemplos disso. Diminuir a quantidade de alunos por turma e de horas em sala de aula são possíveis alternativas para essas limitações. Mas foi a autogestão do grupo o maior desafio identificado. Sendo esse desafio, fortemente, influenciado por aspectos estruturais da sociedade brasileira (tendência de educação bancária e cultura de competição), pode-se apontar a seguinte reflexão: em conjunto com a constituição de programas de pós-graduações que priorizem trabalhos coletivos e interdisciplinares, como o PPGMade, é preciso (re)construir o sistema de ensino brasileiro e pensar a *Educação como Prática da Liberdade* (FREIRE, 2011b).

Por fim, ainda que exista um horizonte a caminhar, o processo vivenciado fortalece a ideia de que a problemática socioambiental precisa de uma análise interdisciplinar. Romper com a hiperespecialização do conhecimento não é apenas um requisito para melhorar a ciência, mas sim uma exigência para a manutenção da vida dos seres humanos no planeta. Por isso, ainda que contenha contradições, a experiência da Linha do Rural da Turma XIII é, ao menos, uma tentativa de rompimento com a hiperespecialização, mediante a construção de processos coletivos e interdisciplinares que podem servir como referências para outras práticas, especialmente aquelas vinculadas às questões socioambientais, como as discussões em torno do desenvolvimento sustentável, tanto dentro do PPGMade quanto fora dele.

## Referências

ARAÚJO, C. A. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 12, n.1, p.11-32, 2006.

BOGO, A. Trabalho de Base e Método. In: Setor de Formação: **Caderno de Formação número 38: Método de trabalho de base e organização popular**. São Paulo. Secretaria Nacional do MST, 2009.

DEMO, P. **Pesquisa participante: saber pensar e intervir juntos**. Brasília/DF: Liber Livros, 2004.

DIEGUES, A. C. S. SOCIOBIODIVERSIDADE. In: FERRARO, J. L. A. **Encontros e caminhos: formação de educadores(as) ambientais e coletivos educadores**. Brasília. Editora MMA - Ministério do Meio Ambiente 2014.

FAZENDA, I. A. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. São Paulo: Papirus, 1994.

FLORIANI, D. História da construção da Pós-Graduação Interdisciplinar em Meio Ambiente e Desenvolvimento (PPGMade-UFPR): aspectos epistemológicos, metodológicos e institucionais. *In: Desenvolvimento e Meio Ambiente*. Curitiba, PR: v. 47, Edição especial: 25 anos do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, p. 87-104, out. 2018.

FLORIANI, D.; BRANDENBURG, A.; DAMASCENO FERREIRA, A. D.; TEIXEIRA, C.; MENDONÇA, F. de A.; SOUZA LIMA, J. E.; ANDRIGUETTO FILHO, J. M.; KNECHTEL, M. do R.; LANA, P. da C. Construção interdisciplinar do programa de pós-graduação em meio ambiente e desenvolvimento da UFPR. *In: PHILIPPI JR., A.; SILVA NETO, A. J. (Org.). Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia e inovação*. Barueri: Manole, 2011, v. 1, p. 342-378.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia saberes necessários à prática educativa**. 29ª ed. São Paulo- SP: Ed. Paz e Terra, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14 ed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011b.

GEILFULS, F. **80 herramientas para el desarrollo participativo: diagnóstico, planificación, monitoreo, evaluación**. San Salvador: Prochamate-IICA, 1997. 208p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1991.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico de 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 19 de jun. 2019.

IPHAN. **Instituto do Patrimônio histórico e Artístico Nacional: Reservas da Mata Atlântica**. Brasília, 1999.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.22, n.3, p. 320, setembro-dezembro, 2014.

MORIN, Edgar; LISBOA, Eliane. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, 2007.

PLOEG, J. D. V. **Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e a classificação social. *In: SANTOS, B.de S.; MENESES, M. P. G. (Orgs.). Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 32-84. RAYNAUT, C. Paradoxos e ambiguidades na ideia de interdisciplinaridade. *In: Desenvolvimento e Meio Ambiente*. Curitiba, PR: v. 47, Edição especial: 25 anos do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, p. 13-48, out. 2018.

SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. G. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**, São Paulo: Cortez, 2010.

SEVILLA GUZMÁN, E. A perspectiva sociológica em Agroecologia: uma sistematização de seus métodos e técnicas. *In: Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, jan/mar, 2002.

ZANONI, M. Prática da interdisciplinaridade em grupos consolidados. *In: Philippi Jr., A. Interdisciplinaridade em ciências ambientais*. São Paulo: Signus Editora, 2000. p. 111-130.